



Andragogia na Antiguidade Grega: Disquisição com Base em Diógenes Laércio e Plutarco

Milton Luiz Torres¹

Resumo: Este artigo oferece uma leitura atenta e sistemática de Diógenes Laércio e Plutarco, biógrafos que, no início da era cristã, reproduziram tradições mais antigas acerca da vida dos principais filósofos gregos e seu relacionamento com os discípulos, a fim de identificar as características da educação de adultos (andragogia), na Antiguidade Grega. A leitura se ateve a aspectos como convivência, rotina de aprendizado, natureza do vínculo, valores e incentivos a emulação. Ainda que as biografias estudadas possam não corresponder sempre e exatamente à realidade dos fatos, elas revelam os estereótipos e as expectativas que marcavam a andragogia nesse período incipiente da história da educação.

Palavras-chave: Andragogia. Antiguidade Grega. História da Educação.

Andragogy in Greek Antiquity: A Disquisition Based on Diogenes Laertius and Plutarch

Abstract: This article offers a careful and systematic reading of Diogenes Laertius and Plutarch, biographers who, in the beginning of the Christian era, reproduced older traditions about the life of the main Greek philosophers and their relationship with the disciples, in order to identify the characteristics of adult education (andragogy) in Greek Antiquity. Reading focused on aspects such as interaction, learning routine, the nature of the bond, values and incentives for emulation. Although the studied biographies may not always correspond exactly to the reality of the facts, they reveal the stereotypes and expectations that marked andragogy in this incipient period in the history of education.

Considerações iniciais

Xenócrates, discípulo de Platão e diretor da Academia entre 339 e 314 a.C., escreveu dois livros sobre os antigos discípulos gregos e seu relacionamento com os mestres. Infelizmente, ambos se perderam. Diante dessa falta, a obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, de Diógenes Laércio, constitui um importante ponto de referência na investigação de como acontecia a andragogia, isto é, a educação

¹ Doutor em Letras Clássicas – USP. Pós-doutor em Estudos Literários – UFMG. Professor do Mestrado Profissional em Educação e dos Cursos de Letras & Tradutor e Intérprete do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC)



de adultos, nos períodos remotos da educação filosófica na Grécia Antiga. Trata-se de um esforço biográfico que inclui, no século III A.D., detalhes da vida dos principais filósofos da Antiguidade, como a tradição os havia transmitido até aquele período e, por essa razão, ocasionalmente descreve aspectos corriqueiros do relacionamento dos filósofos com os discípulos e sua influência sobre eles. Apesar disso, “esse biógrafo de filósofos não explicita em parte alguma da obra a pretensão de ter estudado filosofia e não há demonstração segura [...] de ter pertencido a qualquer das escolas filosóficas a que alude” (KURY, 2008, p. 5). Se, por um lado, isso diminui, até certo ponto, a confiabilidade de informações que podem não ter sido obtidas pela própria experiência, o que explica a falta de senso crítico do biógrafo em relação a essas informações, por outro, garante certa isenção em sua abordagem, transparecendo mais sua intenção de popularizar a filosofia do que algum partidarismo filosófico.

A obra está organizada em dez livros, o primeiro dos quais versa sobre a fase pré-filosófica da Antiguidade; o segundo, sobre os filósofos pré-socráticos jônicos e Sócrates; o terceiro, sobre Platão; o quarto, sobre a Academia; o quinto, sobre os peripatéticos; o sexto, sobre os cínicos; o sétimo, sobre os estoicos; o oitavo, sobre os itálicos; o nono, sobre os eleatas, atomistas e cétricos; e o décimo, sobre os epicureus. Apesar das evidentes limitações da obra, ela tem méritos:

a evocação da atmosfera do mundo em que viveram os filósofos antigos, graças aos numerosos detalhes aparentemente insignificantes e aos elementos míticos e fantásticos em mistura com anedotas de sabor popular, tudo muito significativo e esclarecedor. O fato é que esse compilador [...] deixou-nos a obra mais preciosa da Antiguidade sobre a história da filosofia grega (KURY, 2008, p. 9).

Li a obra de Diógenes Laércio com um olho no grego (LAERTIUS, 1964) e outro na tradução de Kury (LAÉRCIO, 2008). Em minhas citações, uso aspas quando, por uma questão de conveniência, consultei a tradução pronta e uso itálicos quando não senti a necessidade de fazer essa consulta. As citações apontam sempre para o texto grego, geralmente com três algarismos para indicar livro,



capítulo e seção, respectivamente. Apesar do formato tríplice, dois números seriam suficientes para indicar exatamente a passagem: o primeiro e o último, pois as seções são numeradas de forma contínua em cada livro, independentemente dos capítulos.

Plutarco é também uma ótima fonte para o estudo da andragogia na Grécia Antiga. Considerado o “maior biógrafo da Antiguidade”, suas “breves e coloridas biografias se assemelham à obra de um grande repórter” (DRYDEN, 1955, p. 120). Além das biografias, também escreveu inúmeros tratados sobre os costumes de sua época, conhecidos sob o título geral de *Moralia*. De acordo com Beneker (2019, p. 11), “tanto as *Vidas paralelas* quanto a *Moralia* foram obras lidas amplamente por mais de um milênio depois do período de vida de Plutarco, especialmente na região de fala grega do Império Bizantino”. Citamos, aqui, as observações de Plutarco sem fazer referência específica ao tratado moral ou biografia de onde coletamos a informação. No entanto, como seguimos o formato tradicional para referenciá-lo, oferecemos, no caso do tratado moral, a parte numérica e a parte literal da referência, o que permite localizar exatamente as diferentes passagens na bibliografia. Isso vale também para as biografias, cuja referência é sempre composta de dois números.

Plutarco fala de influências mútuas entre filósofos, sofistas e poetas, considerando uns como discípulos dos outros. Assim, por exemplo, em função do uso que Esopo faz da parábola do falcão e do rouxinol, antes empregada por Hesíodo, Plutarco (158b) o considera, como discípulo daquele. Aliás, Plutarco justifica, em sua biografia de Demétrio (1.6), o seu projeto de escrever biografias, principalmente vidas paralelas, com base na prática dos mestres para com seus discípulos. Ele cita, por exemplo, o que fazia o tebano Ismênias, que considerava que a melhor forma de ajudar seus discípulos a uma correta apreciação da música era expô-los a *bons e maus flautistas* (καὶ τοὺς εὖ καὶ τοὺς κακῶς αὐλοῦντας). Desta forma, aprenderiam a diferenciar a boa música da má e a preferir a primeira à



segunda. Portanto, Plutarco esperava que, ao escrever biografias de bons e maus líderes, os leitores pudessem aprender a imitar os bons e a desprezar os maus.

O objetivo deste artigo é, portanto, elencar e sistematizar as informações que Diógenes Laertes e Plutarco oferecem sobre a instituição da andragogia ou discipulado na Grécia Antiga, seu berço. Essas informações não devem, em todos os casos, representar fatos conclusivos ou incontroversos sobre discípulos e filósofos específicos, mas elas são suficientes para sugerir o ambiente de exigências, esforços individuais e coletivos, sucessos e fracassos no qual trafegavam. No mínimo, elas sugerem o que se pensava, na Antiguidade, sobre a vida dos discípulos.

Convivência Próxima e Duradoura

Todos os filósofos ilustres da Antiguidade foram, em algum momento, discípulos de alguém, a única exceção registrada tendo sido Tales de Mileto, de quem se diz que *não foi discipulado por ninguém* (οὐδεὶς δὲ αὐτοῦ καθηγήσατο) (1.1.27). O verbo καθηγέομαι usado por Laércio sugere que Tales não esteve sob a liderança ou autoridade de nenhum guia, mentor ou mestre.

A andragogia ou discipulado nas diversas escolas filosóficas da Grécia Antiga exigia longa *convivência* (συνουσία) com os mestres, que exerciam uma espécie de paternidade vicária, e grande dedicação dos discípulos. Aristóteles, por exemplo, foi admitido à Academia de Platão aos dezessete anos de idade e ali estudou por vinte anos (5.1.9). Epicuro foi ainda mais precoce. Começou seus estudos de filosofia aos doze anos de idade, estudou até os trinta e dois anos e abriu sua própria escola três anos depois (10.1.14-15). Em geral, os discípulos deviam morar perto dos locais onde recebiam instrução. Isso acontecia, por exemplo, com os discípulos que frequentavam a Academia de Platão, “em cujas proximidades os *discípulos* (μαθηταί) haviam construído *barracas* (μικρὰ καλύβια) para morar perto do recinto das Musas e da *sala de aulas* (ἐξέδρα)” (grifo nosso). Quando isso não era possível,



o discípulo ficava sujeito a longas caminhadas. Isso acontecia, por exemplo, com Antístenes que, por morar perto do porto, tinha que fazer um longo caminho diário para ouvir as aulas de Sócrates. Apesar disso, dizia que não se incomodava muito com esse fato, pois buscava imitar a resistência de seu mestre (6.1.1).

Plutarco (1033d-e) avalia como um grande sacrifício o fato de os discípulos geralmente terem que mudar de sua cidade natal para adquirir a educação oferecida por um mestre ilustre, e menciona vários nomes de filósofos renomados que começaram sua *vida acadêmica* (σχολαστικὸς βίος) quando abandonaram a própria pátria e se mudaram, com esse propósito, para outras cidades: Crisipo, Cleantes, Diógenes, Zenão e Antípater.

Os mestres imprimiam certo ritmo ao aprendizado dos estudantes, prova disso é a interação de Aristóteles, “o mais autêntico discípulo de Platão” (γνησιώτατος τῶν Πλάτωνος μαθητῶν, 5.1.1), com um interlocutor que indagava acerca de seu sucesso em promover o aprendizado de seus discípulos: “perguntando-lhe alguém como os estudantes podem progredir, ele respondeu: “Pressionando os que estão na frente, e não esperando os que estão atrás” (ἐρωτηθεὶς πῶς ἂν προκόπτοιεν οἱ μαθηταί, ἔφη, “ἐὰν τοὺς προέχοντας διώκοντες τοὺς ὑστεροῦντας μὴ ἀναμένωσι”) (5.1.20). Aliás, conhecemos, por intermédio de Laércio (5.1.3), o método de Aristóteles: o filósofo costumava propor um *tema* (θέσις) para os discípulos e, depois de se prepararem adequadamente, *promovia-lhes debates* (ῥητορικῶς ἐπασκῶν). De fato, Aristóteles atribuía o sucesso de seus discípulos a três aspectos principais: *inclinação* (φύσις), *estudo* (μάθησις) e *prática* (ἄσκησις) (5.1.18). A fórmula de Zenão para a *completa aquisição de excelência* (τελεία ἀνάληψις τῆς ἀρετῆς) era, por sua vez, *inclinação natural* (φύσις εὐγενής) e *prática equilibrada* (μετρία ἄσκησις), conjugadas com *ensino suficiente* (ἀφθόνως διδάξοντα) (7.1.8). Para Diógenes, o cínico, a *prática* (ἄσκησις) era o mais importante fator de educação e sucesso (6.2.71). De fato, a essência da andragogia dos antigos filósofos gregos era a dimensão prática: os discípulos deviam exercitar-se *com as realidades*



concretas (ἐν τοῖς πράγμασι), e não com abstrações dialéticas (καὶ μὴ ἐν τοῖς διαλεκτικοῖς θεωρήμασι), conforme recomendava Polemão (4.3.17).

Assim como Aristóteles, Antístenes tinha a reputação de tratar seus discípulos com grande severidade, atitude que justificava sob a alegação de que nada mais fazia do que agir como os *médicos* (ἰατροί) ao tratar dos enfermos (6.1.4). Pitágoras exigia, por sua vez, que os discípulos novatos nada falassem durante cinco anos e só os admitia à mesa, em sua casa, quando superavam esse período (8.1.10). Há relatos até de castigos físicos decorrentes de desempenho insatisfatório. Assim, Cafísio, certa vez, “deu um tapa” (πατάξας) num discípulo que não conseguia aprender a tocar flauta (7.1.21). De fato, a *autoridade consuetudinária* (ἡ δὲ τοῦ κατὰ ἔθος ἀρχή) do mestre sobre os *discípulos* (φοιτηταί) era comparável à do *pedagogo* (παιδαγωγός) sobre as crianças (3.1.92).

Laércio relata, além disso, os extremos a que chegavam os discípulos para aprender a lição, como no caso de um discípulo de Platão chamado Carneades de Cirene, que adquiriu a reputação de se dedicar mais às tarefas escolares do que qualquer outro estudante (4.9.62). De fato, sua dedicação era tão intensa que se esquecia de aparar o cabelo e as unhas. Mas nem sempre os discípulos se esforçavam suficientemente e alguns chegavam a se comportar mal. De Zenão se diz que se dedicava ao *aprendizado* (διδασκαλία) de noite e de dia (7.1.26).

Laércio (7.5.170) narra que os condiscípulos de Cleantes costumavam chamá-lo de *asno* (ὄνος). A inveja talvez motivasse esse comportamento já que o rapaz se gabava de ser o melhor entre eles, o único capaz de suportar a *carga* (φορτίον) de Zenão, seu mestre. Aliás, como também fosse um dos mais pobres, não tinha dinheiro para comprar *rolos de papiro* (χαρτία) e, por isso, era obrigado a *fazer anotações* (γράφειν) em *cacos de cerâmica* (ὄστρακα). Mesmo assim, sobressaía-se de tal maneira que Zenão o escolheu para sucedê-lo como diretor da *escola* (σχολή) (7.5.174). Independentemente de invejas e ciúmes, os condiscípulos nem sempre entretinham boas relações entre si. O próprio Platão não parece ter tido



muito sucesso entre os seus pares, tendo desenvolvido inimizades com Diógenes (6.2.26), Mólão, Xenofonte, Antístenes, Aristipo e Ésquines (3.1.34-36).

Muitas vezes, os discípulos eram submetidos a atividades extracurriculares, isto é, atividades que iam *além das outras disciplinas* (μετὰ τὰ λοιπὰ μαθήματα) do currículo voltado para poesia, ginástica e música, que prevalecia nas antigas escolas gregas (TORRES, 2020, p. 111-150). Diógenes, o cínico, ensinava seus discípulos a cavalgar, atirar com o arco, lançar pedras, arremessar dardos e a nutrir-se com alimentos simples (6.2.30-31). Zenão reclama, por isso, de que alguns mestres passavam tempo demais com os discípulos (7.1.18). Para justificar suas exigências, Diógenes explicava que nada mais fazia do que imitar os “instrutores de coros” (χοροδιδάσκαλοι), que davam “o tom mais alto” (ὑπὲρ τόνον) para que os cantores dessem o tom certo (6.2.35). A longa convivência e a familiaridade que ela gerava ensejavam uma sinceridade extrema na avaliação que os mestres faziam do desempenho dos discípulos. O próprio Zenão se dirigiu a um discípulo que o interrompia e monopolizava a palavra, dizendo que certamente o pai estava bêbado quando o gerou. Crates de Tebas, por sua vez, se recusava a responder certas perguntas (2.11.117).ⁱ Apesar das exigências e do tratamento ocasionalmente ríspido, em geral os discípulos cultivavam grande respeito e admiração por seus mestres. Os discípulos de Pitágoras, diante de sua memória invejável (8.1.4) e de seu “porte de tal maneira majestoso” (σεμνοπρεπέστατος), costumavam compará-lo com o deus Apolo (8.1.11) e se chamavam a si mesmos de *vozes de Deus* (θεοῦ φωναί) (8.1.14). Transparece certo encantamento dos discípulos por causa de sua capacidade de “narrar coisas incríveis” (ἄπιστα λέγειν) (8.1.48).

Se Diógenes Laércio menciona vários casos de discípulos que se dedicavam completamente aos estudos, Plutarco enfatiza (80a) a importância dessa dedicação, afirmando que: *assim, prestar atenção e fazer exercícios tornam a pessoa perceptiva e capaz de alcançar a excelência a partir de qualquer fonte possível* (οὕτω τὸ προσέχειν καὶ τετάσθαι τὴν ἄσκησιν αἰσθητικούς καὶ δεκτικούς ποιεῖ τῶν πρὸς ἀρετὴν φερόντων ἀπανταχόθεν). Por isso, Plutarco rejeita o mestre



que se comporta como *sofista* (σοφιστής) e estuda filosofia apenas para se exibir *na ágora ou no convívio com os jovens ou em um banquete real* (εἰς ἀγορὰν ἢ νέων διατριβὴν ἢ βασιλικὸν συμπόσιον), em nada diferindo *do pássaro homérico* (τῆς Ὀμηρικῆς ὄρνιθος) que leva qualquer verme que consiga diretamente para a boca dos discípulos, sem nada assimilar daquilo que ensina.

Plutarco (182e) critica também o discípulo que apenas memoriza conteúdo. Dessa forma, menciona um episódio na vida de Antígono no qual esse general de Alexandre, o Grande, e governador da Ásia Menor, se interessa pela preleção de certo de discípulo de Anaxímenes. Entretanto, quando interrompe o rapaz para lhe fazer uma pergunta, o moço se cala. Diante disso, Antígono insiste na pergunta e mostra seu desapontamento diante do silêncio do rapaz com um verso de Eurípides, que insinua que o discípulo havia apenas decorado o conteúdo de seu caderno (δέλτος). Embora os antigos mestres gregos valorizassem a memorização de poemas, máximas e princípios, eles não promoviam a simples memorização de conceitos. De fato, Zenão, por exemplo, considerava inútil (ἄχρηστος) a *educação enciclopédica* (ἐγκύκλιος παιδεία) (7.1.32).

Imitação de Modelos

Pode-se comparar o relacionamento entre mestre e discípulo com aquele entre pai e filho. Por essa razão, o contato físico era permitido entre eles, sendo que não causava estranheza, por exemplo, que o mestre acariciasse a mão de um discípulo (739d). Por essa razão, Plutarco (208b2) relata a declaração de Agásicles, rei dos espartanos, de que ele não gostaria de ser *discípulo* (μαθητής) de um homem do qual ele não quisesse ser *também filho* (καὶ υἱός). Parece que um elemento definidor nessa relação era a admiração. Sendo assim, Plutarco (331e) declara que “é, portanto, a marca de uma alma verdadeiramente filosófica amar a sabedoria e admirar os sábios acima de todos” (φιλοσόφου τοίνυν ἐστὶ ψυχῆς σοφίας ἐρᾶν καὶ σοφοῦς ἄνδρας θαυμάζειν μάλιστα). Essa admiração evoluía frequentemente para



um sentimento mais intenso de respeito e emulação. Sendo assim, Menedemo costumava dizer que *em toda oportunidade é preciso dar ouvidos aos filósofos* (χρὴ πάντα καιρὸν φιλοσόφων ἀκούειν) (2.17.130).

Assim, Licão da Trôade recebe um elogio por ter se tornado um modelo a ser *imitado* (ζηλωτέος) pelos discípulos (5.4.74) e a crença antiga era que os *seguidores* (ὑποτεταγμένοι) se tornavam apenas aquilo que seu *líder* (ὁ ἡγούμενος) era (7.1.7). Obviamente, numa sociedade que valorizava tanto os modelos, a falha em prover um modelo consistente e confiável era vista com grande desfavor. De fato, Menedemo criticava a Persaio pela diferença que percebia entre o que ele ensinava e seu comportamento na vida pública. Por isso, dizia que Persaio era um ótimo filósofo, mas o *pior homem* (ἀνὴρ κάκιστος) que já havia nascido ou haveria de nascer (2.17.144). Lácides de Cirene tampouco serviria de modelo para seus discípulos, uma vez que morreu pelo excesso de bebida (4.8.61). Outro exemplo deplorado na Antiguidade foi o de Heráclides do Ponto, contra quem foi feita a acusação de suborno e falsificação (5.6.91).

Por causa do amor que geralmente demonstravam pelo mestre, Plutarco (448e) explica que os *alunos e discípulos* (γνώριμοι καὶ μαθηταί) eram chamados, na Antiguidade, de *amantes* (ἐρασταί).ⁱⁱ Alguns discípulos chegavam mesmo a erigir estátuas para seus mestres, como o fez Aristocreão em honra de Crisipo, de quem era sobrinho (1033e). O filósofo Demétrio de Falero bateu todos os recordes nesse sentido, tendo recebido 360 *estátuas* de bronze (εἰκόνες χαλκῆ) em sua homenagem, que lhe foram dedicadas pelos habitantes de Atenas (5.5.75). Entretanto, essa admiração devia ser racional e pouco susceptível às impressões subjetivas, uma vez que a filosofia preferia *clareza* (τὸ σαφές) e *didática* (τὸ διδασκαλικόν) à criação do *assombro* (τὸ ἐκπλήττον) (406e).

Em geral, portanto, os mestres serviam de modelo para seus discípulos. Nas lições práticas, eles geralmente mostravam o que os alunos deviam fazer. Plutarco (790e) explica que, se o assunto era *música* (μουσική), o mestre tocava, primeiramente, o instrumento e permitia, logo depois, que os discípulos fizessem



suas tentativas. Se a lição fosse de *leitura* (γράμματα), o mestre era o primeiro a ler e só depois dele os discípulos tinham a oportunidade de também ler. Além disso, ensina que o caráter dos jovens é *vividamente moldado e formado tanto pelas palavras quanto pelas ações* (ἔργοις ἅμα καὶ λόγοις πλαττόμενον ἔμπύχως καὶ κατασηματιζόμενον) (790f).

E havia boa razão para que os discípulos entendessem que deviam imitar seus mestres. Em geral, os mestres eram pessoas de destaque a quem a comunidade amava. A alguns deles os atenienses, por exemplo, *prestaram grandes homenagens* (ἐτίμων σφόδρα), como no caso de Zenão (7.1.6), a quem consideravam *um homem de bem* (ἀνὴρ ἀγαθός) que exortava os jovens à *excelência e à moderação* (ἐπ' ἀρετὴν καὶ σωφροσύνην), guiava-os para *as melhores coisas* (τὰ βέλτιστα) e lhes proporcionava *um modelo* (παράδειγμα) (7.1.10). Por isso, podia exigir que seus discípulos tivessem *todo decoro* (πάσα κοσμιότης) “no andar, nas atitudes e nas roupas” (ἐν πορείᾳ καὶ σχήματι καὶ περιβολῇ) (7.1.22). Da mesma forma, Laércio (4.6.36) descreve que os discípulos de Arcesilau buscavam imitar seu “modo de falar” (ῥητορεία) e “comportamento em geral” (πᾶν τὸ σχῆμα), pois tinha a reputação de praticar a caridade e de *encher de esperança os seus ouvintes* (σφόδρα καὶ ἐλπιδῶν ὑποπιμπλὰς τοὺς ἀκούοντας).ⁱⁱⁱ Aliás, a imitação do mestre era, em todos os casos, um importante objetivo dos discípulos.

Por outro lado, uma coisa que Plutarco (777a1) enfatiza é a necessidade de que o discípulo não guardasse para si os ensinamentos recebidos de seu mestre. Segundo ele, se a *doutrina do filósofo* (ὁ τοῦ φιλοσόφου λόγος) é recebida por *um cidadão particular* (ιδιώτην ἕνα), *que faz um círculo ao redor* (περιγράφοντα) dela *como se com um compasso ou separador geométrico* (ὡς κέντρῳ καὶ διαστήματι γεωμετρικῶ) e não a passa adiante, mas se limita a desfrutar da *calma e tranquilidade* (γαλήνη καὶ ἡσυχία) que ela concede, ela acaba por *secar* (ἀπεμαράνθη) e *desaparecer* (συνεξέλιπεν). Por outro lado, Plutarco (1033e) deplora a inconsistência de alguns que, seduzidos pelas vantagens oferecidas pela



política, contradiziam as *doutrinas* (δόγματα) de algumas escolas filosóficas que recomendavam que o discípulo se mantivesse afastado da vida pública e aceitavam cargos políticos que lhes eram oferecidos pelas mesmas pessoas a quem criticavam; *de modo que, participando do governo, eles caem em contradição* (ὥστε καὶ πολιτευόμενοι μάχονται).

Outro aspecto importante da convivência dos discípulos com seus mestres era a prestação de contas. Pitágoras, por exemplo, insistia em que, todo dia, seus alunos fizessem três perguntas a si mesmos: *que erro cometi? o que realizei? que obrigações não cumpri?* (πῆ παρέβην; τί δ' ἔρεξα; τί μοι δεόν οὐκ ἐτελέσθη;) (8.1.22). Considerava-se que o discípulo era um representante do mestre. Por essa razão, aconselhava-se que tivessem um comportamento à altura dos grandes filósofos. De fato, Teofrasto exigia que seus discípulos renunciassem a sua *doutrina* (λόγος) ou se dedicassem inteiramente a ela (5.2.41). A razão para isso é que a reputação era muito importante para os mestres. Um dos princípios da filosofia de Epicuro, por exemplo, era defender cuidadosamente a *reputação* (εὐδοξία) (10.1.120), algo pelo qual Plutarco o reprovava inteiramente (1100a). Para a infelicidade de Epicuro, talvez nenhum outro filósofo antigo tenha sido tão caluniado quanto ele, o que motivou Laércio (10.1.9) a defendê-lo.

Uma Rotina de Aprendizado

Para Plutarco, Sócrates representa um ótimo contraste com os demais mestres de sua época. Ao dizer o que Sócrates não fazia, Plutarco (796d) estabelece que essas eram práticas comuns no processo educacional: Sócrates não colocava *carteiras* (βάθρα) para seus alunos, nem se *sentava na cadeira de professor* (εἰς θρόνον καθίσας), nem reservava *um tempo predefinido* (ῶρα) para a *aula* (διατριβή) e para caminhar *com os alunos* (τοῖς γνωρίμοις). O elogio de Plutarco a Sócrates advém justamente do fato de que o filósofo integrava o ensino à vida diária dos alunos, *brincando com eles quando surgia a oportunidade* (συμπαίζων,



ὄτε τύχοι), *bebendo com eles* (συμπίνων), *servindo o exército com eles* (συστρατευόμενος) e *passando tempo com eles na ágora* (συναγοράζων), aproveitando a oportunidade de ensinar até quando foi preso e bebeu o veneno (τέλος δὲ καὶ δεδεμένος καὶ πίνων τὸ φάρμακον) (796e).

Como se percebe, a *convivência* (συνουσία) era o elemento definidor da relação entre mestre e discípulo. Ela possibilitava, de fato, uma rotina de aprendizado. Os discípulos estavam sempre aprendendo. Para isso, o mestre explorava as ocasiões que a vida em comunidade proporcionava, incluindo as oportunidades educacionais oferecidas pelo lar, o simpósio, as reuniões religiosas, o ginásio, o teatro e a escola (TORRES, 2009, p. 79-98). Em cada um desses âmbitos, havia certos protocolos e convenções que, de modo geral, esperava-se que os mestres seguissem. Para os gregos antigos, o conceito de educação implicava que “os *jovens* (νέοι) deviam respeitar em casa os pais, na rua *todos os que encontrassem* (τοὺς ἀπαντῶντας) e, *quando sós* (ἐν δὲ ταῖς ἐρημίαις), deveriam respeitar a si mesmos” (5.5.82). No caso específico da escola, Laércio (2.17.130) tece inúmeras críticas a Menedemo justamente porque o filósofo parecia não considerar devidamente essas expectativas. Ele gostava de ficar *ausente* (ἐκκλινής) e deixava os alunos se vestirem como quisessem, pois era *indiferente à exigência de roupas* (τὰ τῆς στολῆς ἀδιάφορος). Não dispunha os *bancos* (βάθρα) em círculo e eram os próprios discípulos que decidiam se deviam se sentar ou ficar circulando.

Relacionamento Isento de Interesses Comerciais

O relacionamento entre mestre e discípulos, na Antiguidade Grega, era *a priori* destituído de interesses comerciais. Os filósofos não cobravam honorários por suas aulas. Laércio dedica todo um capítulo a Aristipo, o primeiro discípulo de Sócrates a cobrar honorários depois que começou a aceitar alunos. Ele costumava enviar parte desses honorários ao seu antigo mestre, que geralmente rejeitava o presente (2.8.65). O relato pitoresco confirma a ideia de que os mestres não recebiam



dinheiro de seus discípulos, mas sugere que, mesmo assim, parecia haver uma dívida de gratidão destes para com aqueles em virtude dos ensinamentos recebidos.

Quando recrutado como discípulo por Sócrates, Ésquines lhe respondeu humildemente: *sou pobre e não tenho nada a oferecer a não ser a minha própria pessoa* (πένης εἰμι καὶ ἄλλο μὲν οὐδὲν ἔχω, δίδωμι δέ σοι ἐμαυτόν). Comovido, Sócrates teria dito: *ora, você não percebe que está me dando o que há de melhor?* (ἄρ' οὖν, οὐκ αἰσθάνη τὰ μέγιστα μοι διδούς;) (2.5.34). De fato, Ésquines se tornaria o discípulo favorito de Sócrates, fato que não escondia (2.7.60). Apesar disso, durante esse tempo nunca conseguiu superar as agruras da pobreza, razão pela qual Sócrates o aconselhava a “tomar empréstimos consigo mesmo” (παρ' ἑαυτοῦ δανείζεσθαι), comendo menos (2.7.62). Outro discípulo muito pobre foi Cleantes, que trabalhava carregando água à noite para ter recursos suficientes para estudar durante o dia (7.5.168).

Platão nada cobrava dos discípulos admitidos à Academia (4.1.2). Se os mestres não cobravam honorários, como era possível, então, a manutenção de seu grupo de estudantes? Em geral, havia três principais fontes de sustento: os próprios recursos financeiros do filósofo, quando se tratava de um mestre de origem aristocrática; os donativos de beneméritos; ou a bolsa comum dos discípulos, muitos dos quais *dedicavam todos os seus bens para o uso comum* (κατετίθεντο τὰς οὐσίας εἰς ἓν ποιούμενοι). Laércio (8.1.10) nos informa que essa era a prática, por exemplo, dos discípulos de Pitágoras. Desta forma, um discípulo mais abastado acabava custeando os próprios estudos e os dos menos favorecidos. Apesar de essa ser uma regra quase geral, havia filósofos que não adotavam a prática, um exemplo dos quais foi Epicuro (10.1.11), que se dizia seguidor de Demócrito justamente porque, como aquele, cobrava uma *taxa adequada* (πρέποντα διδασκάλια) de seus discípulos, conforme nos informa Plutarco (1108e). Com essa cobrança, a escola de Epicuro, chamada de *jardim* (κῆπος), continuou ininterruptamente e seus *alunos* (γνώριμοι) se tornaram seus sucessivos e *inumeráveis diretores* (νηρίθμοι ἀρχαί)



(10.1.9). Aristipo cobrava e ironizava o fato de Sócrates e Platão não cobrarem (2.8.80-81). Ésquines também cobrava tanto para dar aulas quanto para fazer discursos que lhe eram encomendados (2.7.62). Plutarco (1047f) nos informa que, de fato, alguns filósofos lecionavam *por dinheiro* (ἐπ' ἀργυρίῳ), *cobrando de alguns discípulos de antemão e estabelecendo contratos com outros* (προλαμβάνοντα πρὸς οὓς δὲ συντιθέμενον τῶν μαθητῶν). Espêusipo, o sucessor de Platão como diretor da Academia, também cobrava (4.1.2). Sabemos também que Zenão, que não era pobre, costumava pagar uma alta *soma* (μισθός) por aulas particulares de dialética, “tão grande era seu desejo de aprender” (φιλομάθεια) (7.1.25).

Não devemos estranhar que os discípulos e os próprios filósofos estivessem dispostos a exaurir seus bens para a manutenção de uma escola filosófica, pois muitos deles achavam até necessário se livrar das preocupações materiais, o que só era possível quando renunciavam à riqueza. Segundo Burckhardt (1953, v. 3, p. 489),

Esta pobreza voluntária era naturalmente bastante facilitada pelo celibato, que predominava muito e que já encontramos em Tales e nos filósofos que vieram depois dele (exceto Sócrates e Aristóteles, que queria ser enterrado com a esposa Pítia), e era uma pressuposição.

Além da pobreza, Tales de Mileto também escolheu não ter filhos. De acordo com Laércio (1.26), quando alguém perguntou a Tales por que não quis ter filhos, respondeu que era por causa de sua *philoteknia*; isto é, ele amava demais os filhos para trazê-los a este mundo. O fato é que os filósofos, em geral, optavam pelo celibato e pela pobreza. Quando já eram pobres, permaneciam assim; quando ricos, optavam por esgotar rapidamente sua fortuna. Crates de Tebas, Heráclito, Empédocles, Anaxágoras e Demócrito, para citar alguns, dilapidaram a própria riqueza para poderem se dedicar mais inteiramente à filosofia e ao ensino (TORRES, 2020, p. 73).

Nem sempre, porém, as pessoas comuns e mesmo alguns filósofos compreendiam essa isenção de preocupações financeiras por parte dos mestres e



seus discípulos. Laércio (2.8.102) narra que, certa vez, Métracles da Maroneia, o cínico famoso por seu desapego às coisas materiais, insinuou que o filósofo Teodoro tinha muitos discípulos porque era isso que lhe garantia o sustento. Obviamente, esse desapego financeiro muitas vezes gerava circunstâncias adversas. Assim, Aléxino de Élis supostamente perdeu seus discípulos porque não dispunha de *provisões* (ἐφόδια) suficientes na escola onde ensinava e *o local era insalubre* (τὸ χωρίον νοσερὸν) (2.10.109). Da mesma forma, houve quem dissesse que o fato de os filósofos ensinarem a *frugalidade* (λιτότης) a seus discípulos se justificava pelo fato de desejarem economizar nos gastos com a comida. O comediógrafo Filemon dizia, por exemplo, que Zenão *ensinava a padecer fome e ainda conseguia discípulos* (πεινῆν διδάσκει καὶ μαθητὰς λαμβάνει), e chega a identificar o alimento diário dos discípulos: *um pedaço de pão, um figo de sobremesa e água para beber* (εἷς ἄρτος, ὄψον ἰσχάς, ἐπιπιεῖν ὕδωρ) (7.1.26).

Conexão Voluntária e Flexível

Os antigos discípulos gregos gozavam de considerável liberdade para escolher seus mestres. Bión de Boristenes é um exemplo típico dessa flexibilidade. Começou sua carreira de discípulo sob a tutela de Crates de Tebas para logo depois se tornar discípulo de Teodoro. Depois disso, tornou-se discípulo do peripatético Teofrasto (4.7.51-52). Quando ele mesmo se tornou mestre, apresentava uma filosofia eclética composta de fragmentos daquilo que havia aprendido de seus mestres (4.7.54). Crates, de fato, não dava muita sorte com os discípulos. As exigências cínicas os afastavam. Assim, Zenão também começou como seu discípulo, mas logo o abandonou (ἀπέστη) e passou para outros mestres (7.1.4). Plutarco (844b4) fala de uma sucessão de mestres que o famoso orador Demóstenes teve ao longo da vida, algo que se pode dever ao fato de ter ficado órfão de pai aos cinco anos de idade. Além das sucessões de mestres, era possível ao discípulo optar por disciplinas específicas nas quais gostaria de ser instruído por



mestres específicos. Assim, por exemplo, Laércio (8.8.89) diz que Crisipo se tornou discípulo de Eudoxo de Cnidos, mas apenas em três áreas nas quais sentia essa necessidade: teologia, cosmologia e meteorologia, enquanto estudava medicina com Filístio, de quem o próprio Eudoxo havia sido discípulo naquela competência (8.8.86).

Apesar da liberdade de se filiar ao mestre de sua preferência, aparentemente esse processo de filiação envolvia um procedimento formal identificado pelo verbo “registrar-se” (ἐπιγράφεσθαι), que também era empregado pelos metecos atenienses para indicar sua lealdade a seus patronos. De acordo com Laércio (4.7.54), por exemplo, Bíon de Boristenes se lamentava de que “ninguém quis declarar-se expressamente seu discípulo, apesar de suas preleções terem muitos ouvintes” (οὐδείς αὐτοῦ μαθητῆς ἐπιγράφεται, τοσοῦτων αὐτῷ σχολασάντων). Essa condição de *ouvinte* (ἀκροατής) representava uma conexão menos íntima com o filósofo e há notícia de outros casos. De fato, Laércio (8.8.86) nos diz que Platão também tinha ouvintes entre os quais estava Eudoxo. Ou seja, Eudoxo não chegou formalmente a ser discípulo de Platão, mas ouvia suas aulas. Parece que o que o impediu de se registrar como discípulo de Platão foi o fato de que os dois simplesmente não se davam bem, uma antipatia que perdurou mesmo quando Eudoxo passou a ter seus próprios discípulos (8.8.87). Em verdade, Laércio (3.46) nos oferece uma lista bem completa com quase vinte nomes dos discípulos (μαθηταί) e duas discípulas (Leosteneia e Axiotea) de Platão, mas inclui, além disso, outros nomes de ouvintes apenas, entre os quais Teofrasto, Hipereide e Licurgo.

Uma vez registrados como tais, os rapazes precisavam usar as roupas que os identificavam como discípulos. Algumas roupas, como o *pallium*, ou manto grego, identificavam o filósofo como pessoa pública, enquanto outras o identificavam como pertencente a uma escola filosófica específica (TORRES, 2001, p. 45-54). Como os homens de negócio da atualidade, alguns filósofos se esforçavam por sempre se apresentarem bem vestidos ao público, daí a reputação de Licão da Trôade de *refinadíssimo nas roupas* (καθαρώτατος τὴν στολήν) (5.4.67), uma qualidade que



também era atribuída a Heráclides do Ponto (5.6.86). Por outro lado, em rebeldia contra esse paradigma, os filósofos cínicos tinham a tendência oposta. Quando, por exemplo, Bión de Boristenes se converteu à filosofia cínica, passou a usar o “manto surrado” (τρίβων) e a carregar a “sacola de couro” (πήρα) que eram apetrechos característicos daquela escola filosófica (4.7.52). De qualquer forma, quando ele mesmo conseguiu arrebanhar alguns marinheiros como discípulos, exigiu que se vestissem com “roupas de estudantes” (σχολαστικά ἐσθήτες) (4.7.53). O processo de adesão a um filósofo tinha mesmo as conotações de uma conversão. Um caso famoso é o de Polemão, um arruaceiro e bebedor que irrompeu, completamente embriagado, numa das aulas de Xenócrates. Segundo Laércio (4.3.16), “o jovem (τὸ μειράκιον) ouvindo-o e aos poucos deixou-se conquistar e se entregou ao estudo com tanta dedicação (φιλόπρονος) que superou todos os outros discípulos”, tornando-se “o sucessor de Xenócrates na direção da escola (σχολή)”.

O processo de adesão a um mestre específico dependia das circunstâncias. Às vezes, a iniciativa era do próprio discípulo; às vezes, do filósofo; outras vezes, um filósofo apresentava o discípulo para outro filósofo. Assim, Laércio (6.3.82) conta que Mônimo de Siracusa trabalhava como “serviçal” (οἰκέτης) de um banqueiro de Corinto, que recebia visitas frequentes de um cliente que constantemente elogiava o filósofo Diógenes de Sinope por sua sabedoria e pela coerência de suas atitudes. Por essa razão, Mônimo adquiriu verdadeira admiração (ἔρωσ) por Diógenes. Isso fez com que desejasse se tornar discípulo do renomado filósofo. Como estivesse obrigado com o banqueiro, passou a jogar dinheiro fora, fingindo loucura (μανία), até que o patrão o dispensou (ἕως αὐτὸν ὁ δεσπότης παρητήσατο) e, assim, o rapaz partiu em busca de seu sonho de crescimento intelectual. Algo semelhante ocorreu com Zenão, futuro fundador do estoicismo. Já adulto e abastado, leu uma obra de Xenofonte sobre suas lembranças de Sócrates e ficou tão impressionado com o filósofo que foi a Atenas e perguntou onde poderia encontrar um homem como ele. Alguém lhe apontou o filósofo Crates de Tebas e lhe disse: - Segue aquele homem (τούτῳ παρακολούθησον) (7.1.2-3). Assim, tornou-se seu discípulo.



Em alguns casos, era necessário que o candidato a discípulo passasse por um processo de admissão. Antístenes, por exemplo, era bastante exigente na seleção de seus discípulos, tendo rejeitado, a princípio, os pedidos de Diógenes para ser admitido como discípulo. Depois de muita *insistência* (προσεδρία) do futuro fundador da escola cínica de filosofia, Antístenes o aceitou como ouvinte (6.2.21). Quando chegou a vez de Diógenes ter seus próprios discípulos, também se tornou exigente a respeito de sua seleção. Dado aos gestos espalhafatosos (como andar com uma lanterna acesa em plena luz do dia, 6.2.41), o filósofo exigia que o pretendente a discípulo o acompanhasse com algo malcheiroso nas mãos (um peixe ou um queijo, por exemplo) até ser admitido; acontecia, porém, que alguns desistiam (6.2.36). Zenão também tinha a reputação de dar tarefas incomuns aos pretendentes ao discipulado a fim de desestimulá-los, quando percebia que não tinham talento suficiente para o desafio (7.1.22). Xenócrates, por sua vez, era muito mais direto e falava francamente ao discípulo enjeitado: “- Segue o teu caminho!” (πορεύου) (4.2.10).

Com Sócrates, o processo foi o inverso. Laércio (2.5.21) narra que, ainda rapaz, Sócrates trabalhava numa oficina (ἐργαστήριον) e, ali, Crítias o encontrou, recrutou-o como discípulo, “cativado pelo encanto de sua alma” (τῆς κατὰ ψυχὴν χάριτος ἔρασθέντα), “e o educou” (καὶ παιδεῦσαι). Como que para saldar esse débito para com a sociedade, Sócrates demonstrou nobreza equivalente quando conheceu um jovem escravo de nome Fédão, de quem conseguiu, com a ajuda dos amigos, a alforria para que se tornasse seu discípulo (2.5.31; 2.9.105). Sócrates também recrutou a Platão. Ele supostamente tivera um sonho auspicioso em que o rapaz, aos vinte anos de idade, se tornava seu discípulo. Naquele momento, Platão se preparava para participar de um concurso de poesia. Ao ouvir o convite de Sócrates, o rapaz queimou os poemas e simplesmente exclamou: “Platão necessita de ti” (Πλάτων νύ τι σεῖο χατίζει.) (3.1.5).

Finalmente, o filósofo Arcesilau tinha o costume de “recomendar a seus discípulos que ouvissem outros filósofos” (ὥστε τοῖς μαθηταῖς παρήνει καὶ ἄλλων



ἀκούειν). De fato, certa vez, diante das reclamações de um jovem de Quios acerca do conteúdo de suas aulas, levou o rapaz até outro filósofo, apresentou-o e se despediu cortesmente (4.6.42). Antístenes era outro filósofo que recomendava que seus discípulos fossem às aulas de outro filósofo: Sócrates, seu antigo mestre (6.1.2). No entanto, nem sempre havia essa cordialidade entre os mestres. Ficou famosa a disputa entre Crates de Tebas e Estilpão de Mégara pelo discípulo Zenão. De nada adiantou ao cínico tentar segurar o rapaz pelo *manto* (ἱμάτιον), pois ele se transferiu mesmo para a outra escola (7.1.24). Havia, em geral, acirrada disputa entre os filósofos por discípulos e até por publicações, sendo comuns as acusações de plágio. Por um suposto plágio, Ésquines foi chamado de *ladrão* (ληϊστής) por Aristipo (2.7.62) e Estilpão de Mégara tinha fama de fazer “prosélitos devotados” (ζηλωταί), tendo tirado discípulos de praticamente todos os concorrentes (2.11.113-114).

Talvez o mais anedótico caso de adesão a um filósofo tenha acontecido com Métrocles da Maroneia. Certo dia, ainda bastante jovem, o futuro filósofo, exercitando-se em público (μελετῶν), teve um acesso de flatulência. Envergonhado, voltou para casa, trancou a porta e jurou jejuar até a morte. A pedidos, o filósofo Crates de Tebas aceitou visitá-lo para tentar convencê-lo a mudar de ideia. Durante a conversa, o próprio Crates teve um acesso intencional de flatulência. Isso animou o rapaz, que decidiu se tornar seu discípulo (6.6.94). Por outro lado, o mais nobre relato do chamado de um discípulo na Grécia Antiga seja talvez o de Sócrates para Xenofonte, a quem Sócrates encontrou numa rua estreita de Atenas e com quem o filósofo se impressionou pelo porte e cortesia. Sócrates lhe disse “Segue-me” (ἔπιου τοίνυ) e, como os discípulos de Cristo, Xenofonte largou tudo e o seguiu (2.6.48).

Responsabilidade Mútua

Algo que transpira do texto de Laércio é o fato de que se criava uma ligação íntima e espiritual entre o mestre e seu discípulo, a ponto de um se sentir, de certa



forma, responsável pelo outro. Havia expectativas de fidelidade a um projeto filosófico e educacional. Por isso, mesmo em tom de graça, Platão reprovou a decisão de Aristóteles de se afastar da Academia. Platão teria dito: “Aristóteles deu-me um pontapé, como fazem os potros com a mãe que os gerou” (Ἀριστοτέλης ἡμᾶς ἀπελάκτισε καθαπερεὶ τὰ πωλάρια γεννηθέντα τὴν μητέρα) (5.1.2).

O mestre formava, em geral, um grupo íntimo com o qual compartilhava sua sabedoria. Mas havia circunstâncias especiais em que se formava um verdadeiro séquito de discípulos. Segundo Laércio (5.2.37), Teofrasto chegou a reunir dois mil *discípulos* (μαθηταί) que se acotovelavam para ouvir sua *aula* (διατριβή). Pitágoras, por sua vez, tinha cerca de trezentos discípulos (7.1.3). Entretanto, a regra geral era um grupo menor, no meio do qual era possível cultivar certa intimidade. Plutarco (545f6) nos relata que Zenão criticava o número excessivo dos discípulos de Teofrasto, afirmando que o *coro* (χορός) dele era *maior* (μείζων), mas que o seu era *mais harmonioso* (συμφωνότερος). Se Teofrasto se notabilizou pelo número excessivo de discípulos, Antístenes era famoso, ao contrário disso, pelo número reduzido, que ele explicava de forma bem-humorada: “uso uma vara de prata para expulsá-los” (ὅτι ἀργυρέα αὐτοὺς ἐκβάλλω ῥάβδῳ) (6.1.4). Além dele, Ésquines se notabilizou por ter tido apenas um discípulo (2.7.63).

A proximidade entre mestre e discípulo contribuía para que se formasse um vínculo em que um se via obrigado a cuidar do outro, especialmente em situações desfavoráveis. Na guerra, Sócrates salvou a vida de seu discípulo Xenofonte, arriscando, para isso, a própria vida (2.5.22). Por sua vez, o discípulo Crítão era tão *afeiçoado* (φιλόστοργος) a Sócrates e cuidava tanto dele, que às vezes negligenciava até o cuidado consigo (2.12.121). Os antigos admiravam a amizade entre Zenão e seu discípulo Persaio (7.1.36) e entre Anaxágoras e seu discípulo Péricles (2.3.12-15). Num episódio famoso, Anaxágoras foi acusado de ateísmo por “haver declarado que o sol é uma massa de metal incandescente” (διότι τὸν ἥλιον μύδρον ἔλεγε διάπυρον) e, por isso, “o filósofo estava confinado à prisão à espera da execução” (καθείρχθη ἐν τῷ δεσμωτηρίῳ τεθνηζόμενος). Nessas circunstâncias,



em que o filósofo estava com grande debilidade física, seu discípulo Péricles, político influente na cidade de Atenas, o acompanhou ao julgamento. Esse famoso político ateniense justificou suas ações em prol de Anaxágoras, com uma declaração simples: “sou seu discípulo” (τούτου μαθητής εἰμι). Com essa intervenção, Péricles conseguiu comutar a pena para multa e exílio.

Além disso, os discípulos exibiam certo orgulho pela formação recebida dos mestres. De fato, quando necessitou de que um advogado o defendesse no tribunal, o filósofo Aristipo se surpreendeu com uma indagação irônica do rábula, que lhe questionava o valor da educação que havia recebido de Sócrates. Aristipo retrucou que essa educação lhe valia o bastante para que as palavras a seu respeito, no discurso de defesa, fossem todas verdadeiras (2.8.71). A resposta do filósofo indica a segurança quanto ao benefício auferido na convivência com o mestre. Por isso, Aristipo declara: “quando necessitei de sabedoria, fui a Sócrates” (2.8.78).

Laércio (7.1.12) fala que, enquanto Zenão foi discípulo de Crates de Tebas, servia-lhe como uma espécie de tesoureiro. Há relatos (9.8.54) que indicam que, às vezes, os discípulos serviam até de voz (φωνή), isto é, de “porta-vozes”, para seus mestres, como ocorreu, por exemplo, com Pitágoras, conforme mencionado antes, e Protágoras, que solicitou a seu discípulo Arcágoras, que fizesse a leitura de seu tratado intitulado **Dos deuses** numa conferência no Liceu, em Atenas. Em outros casos, coube aos discípulos redigir os textos de seus mestres, pois, por alguma razão, nem sempre os mestres conseguiam colocar suas ideias por escrito. Muitos diálogos platônicos supostamente registram as palavras de Sócrates e é conhecido o fato de que Carneades “nada deixou escrito” (κατέλιπεν οὐδέν), mas os *discípulos compilaram* (οἱ μαθηταὶ συνέγραψαν) suas obras (4.9.65).

Conclusão

Esta breve disquisição sobre a andragogia, com atenção especialmente dedicada ao relacionamento entre mestres e discípulos na Grécia Antiga, sugere,



com base nas informações obtidas de Diógenes Laércio e Plutarco, dois importantes biógrafos dos grandes mestres, que se desenvolvia entre eles uma íntima e longa convivência que possibilitava, de forma essencialmente prática, a aquisição de valores tais quais a responsabilidade, a sociabilidade e a perseverança. Tratava-se de um relacionamento semiformalizado, mas sem vínculo obrigatório ou permanente, e sem o predomínio de considerações financeiras. A instrução era sobretudo prática, mas incluía a absorção de um conteúdo. Acima de tudo, competia ao mestre dar o melhor exemplo e aos discípulos, imitá-lo. Em geral, perseguia-se a excelência como objetivo principal e a formação do ser humano pelo desenvolvimento de suas mais elevadas faculdades, sem preocupações necessariamente voltadas para a vida profissional. Para isso, contribuía a dialética, uma forma de excelência no raciocínio que conduz ao pensamento crítico. Com o passar do tempo, os discípulos acabavam reunindo as qualidades necessárias para que eles mesmos se tornassem mestres.

Referências:

- BENEKER, Jeffrey. *How to be a leader: an ancient guide to wise leadership*. Princeton: PUP, 2019.
- BURCKHARDT, Jacob. *Historia de la cultura griega*. Traducción: Antonio Tovar. Barcelona: Iberia, 1953. v. 3.
- DRYDEN, John. Plutarch's lives: a condensation. In: CLASSICS Appreciation Society (Eds.). *Home course appreciation*. Danbury, CONN: Grolier Society, 1955. p. 119-215.
- KURY, Mário da G. Introdução. In: LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 2008. p. 5-11.
- LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 2008.
- LAERTIUS, Diogenes. *Vitae philosophorum*. In: LONG, H. S. (Ed.). *Diogenis Laertii vitae philosophorum*. Oxford: Clarendon, 1964.



- PLUTARCH. How a man may become aware of his progress in virtue. *In*: BABBIT, Frank C. (Ed.). *Plutarch's moralia in fourteen volumes*. New York/London: G. P. Putnam's Sons, 1927. v. 1, p. 399-458 (1a-86a).
- PLUTARCH. *Lives: Demetrius and Antony; Pyrrhus and Gaius Marius*. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1920. v. 9.
- PLUTARCH. On moral virtue. *In*: HELMBOLD, W. C. (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1962. v. 6, p. 16-89 (440d-452d).
- PLUTARCH. On praising oneself inoffensively. *In*: DE LACY, Phillip L.; EINARSON, Benedict (Eds.). *Plutarch's Moralia in fifteen volumes*. Cambridge: HUP, 1959. v. 7, p. 110-169 (523c-612 B).
- PLUTARCH. On Stoic self-contradictions. *In*: CHERNESS, Harold (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge: HUP, 1959. v. 13, part II, p. 369-605 (1033a-1057b).
- PLUTARCH. On the fortune or the virtue of Alexander. *In*: BABBIT, Frank C. (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1962. v. 4, p. 380-489 (326d-345b).
- PLUTARCH. Reply to Colotes in defense of the other philosophers. *In*: DE LACY, Phillip L.; EINARSON, Benedict (Eds.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge: HUP, 1959. v. 14, p. 153-317 (1107d-1127e).
- PLUTARCH. Sayings of kings and commanders. *In*: BABBIT, Frank C. (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1961. v. 3, p. 3-153 (172b-194e).
- PLUTARCH. Sayings of Spartans. *In*: BABBIT, Frank C. (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1961. v. 3, p. 240-424 (208a-236e).
- PLUTARCH. Table talk: book 9. *In*: MINAR JR., Edwin L.; SANDBACH, F. H.; HELMBOLD, W. C. (Eds.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1999. v. 9, p. 215-302 (736c-748d).
- PLUTARCH. That a philosopher ought to converse especially with men in power. *In*: FOWLER, Harold N. (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1960. v. 10, p. 27-50 (771e-854d).
- PLUTARCH. That Epicurus actually makes a pleasant life impossible. *In*: DE LACY, Phillip L.; EINARSON, Benedict (Eds.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge: HUP, 1959. v. 14, p. 2-152 (1086c-1107c).
- PLUTARCH. The dinner of the seven wise men. *In*: BABBIT, Frank C. (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1962. v. 2, p. 346-451 (146b-164d).
- PLUTARCH. The oracles at Delphi no longer given in verse. *In*: BABBIT, Frank C. (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1999. v. 5, p. 256-347 (394d-490d).
- PLUTARCH. Whether an old man should engage in public affairs. *In*: FOWLER, Harold N. (Ed.). *Plutarch's moralia in fifteen volumes*. Cambridge/London: HUP, 1960. v. 10, p. 75-155 (783a-797e).
- PLUTARCHUS. *Vitae decem oratorum* (832b-852e). *In*: MAU, J. (Ed.). *Plutarchi moralia*. Leipzig: Teubner, 1971. v. 5.



TORRES, Milton L. *Educação começa com poesia: as origens da educação e suas contribuições para a formação de professores e suas práticas*. Engenheiro Coelho, SP/São Paulo: UNASPRESS/Recriar, 2020.

TORRES, Milton L. The stripping of a cloak: a *topos* in Classical and Biblical literature. *Hermenêutica*, v. 1, p. 45-54, 2001.

XENOCRATES. *Testimonia, doctrina et fragmenta*. In: PARENTE, Margherita I. (Ed.). *Senocrate, Ermodoro*: edizione, traduzione e commento. Napoli: Bibliopolis, 1982. p. 51-156 e 163-260.

ⁱ Especialmente aquelas que o comprometeriam como, por exemplo, os questionamentos acerca da existência dos deuses.

ⁱⁱ Às vezes, porém, o relacionamento entre mestre e discípulo acabava incluindo intimidade sexual e até uma relação amorosa duradoura. Um caso conspícuo é o de Crates de Atenas (que não deve ser confundido com o filósofo Crates de Tebas), que se afeiçoou de tal forma ao mestre Polemão, que se envolveu amorosamente com ele, sendo que ambos pediram para ser sepultados na *mesma sepultura* (αὐτῆ ταφῆ) (4.4.21-22). Não era incomum, além disso, que os próprios condiscípulos (συσχολασταί) desenvolvessem interesses amorosos uns pelos outros, como ocorreu, por exemplo, entre Arcesilau e Cântor (4.6.28) e entre Menodoro e Êudamo (4.6.30).

ⁱⁱⁱ Infelizmente, pesa contra Arcesilau a acusação de que sua filantropia escondia o desejo de corromper os jovens, sendo que, por isso, os filósofos estoicos o chamavam de *corruptor dos jovens* e *proferidor de obscenidades* (φθορεὺς τῶν νέων καὶ κιναιδολόγος) (4.6.40).